

**EM BUSCA DOS SENTIDOS DE SER RIBEIRINHO SERTANEJO:
jornadas de campo no baixo rio São Francisco**

**IN SEARCH OF THE *SENSES OF BEING RIBEIRINHO*
SERTANEJO: field trips down the river São Francisco**

Cícero Bezerra da Silva

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
São Cristóvão, SE, Brasil.
cicerogeografia016@gmail.com

Maria Augusta Mundim Vargas

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
São Cristóvão, SE, Brasil.
guta98@hotmail.com

Resumo

Este relato tem por objetivo apresentar uma súmula das jornadas de campo desenvolvidas no baixo curso do rio São Francisco a jusante da barragem de Xingó, entre os estados de Alagoas e Sergipe. As jornadas de campo ocorreram no decurso da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, intitulada *Entre margens, terras e gentes: modos de vida e convivialidades no Baixo São Francisco*. As observações e os roteiros de entrevistas estão embasados em referenciais clássicos e contemporâneos que vêm contribuído para compreender a práxis da produção e ressignificação dos sentidos de ser ribeirinho sertanejo.

Palavras-chave: Lugar-território. Ribeirinho. Sertanejo. Rio São Francisco.

Abstract

This report aims to present a summary of the field trips developed in the lower course of the São Francisco river downstream of the Xingó dam, between the states of Alagoas and Sergipe. The field trips took place during the master's research developed in the Postgraduate Program in Geography of the Federal University of Sergipe, titled *Between Margins, Lands and Gentes: ways of life and convivialities in the Lower São Francisco*. The observations and the interview scripts are based on classic and contemporary references that have contributed to understand the praxis of the production and re-signification of the ribeirinho sertanejo.

Keywords: Place-territory. Ribeirinho. Sertanejo. São Francisco River.

INTRODUÇÃO

Intenta-se aqui a realização de um breve relato das experiências vivenciadas na pesquisa de campo desenvolvida entre as margens semiáridas do baixo rio São Francisco, a jusante do lago da Usina Hidroelétrica Xingó, entre os estados de Alagoas e Sergipe.

Essas experiências estão assentadas em três jornadas de campo empreendidas entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019, e contemplam a pesquisa de mestrado em curso desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, intitulada *Entre margens, terras e gentes: modos de vida e convivialidades no baixo rio São Francisco*.

O relato contempla nossas observações sobre as percepções das gentes que “margeiam” o rio no semiárido, buscando entendê-las como “ribeirinhos sertanejos” na intenção de construção de um conceito-categoria. Para tal, dialogamos com Hall (2004), Cruz (2007), Almeida (2008, 2018) e Tuan (2013), para o entendimento das identidades e do pertencimento, e em Pierson (1972), Vargas (1999, 2003), Chagas (2014) e Souza (2011), para o entendimento das vivências e do modo de vida ribeirinho.

Ressalta-se que nossas análises foram desenvolvidas nas sedes municipais, comunidades e povoados localizados às margens do rio São Francisco, contemplando os municípios de Canindé de São Francisco, Porto da Folha, Poço Redondo, Gararu e Nossa Senhora de Lourdes – na margem sergipana – e Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte e Traipu – na margem alagoana.

Privilegiamos como instrumentais de campo as anotações, os registros fotográficos e gravadores de voz, referenciados por um roteiro de questões semiestruturadas, com temas voltados para o conhecimento da convivialidade com as águas e com o sentido de ser ribeirinho sertanejo. Com tal ancoragem metodológica, assumimos a realização de uma etnografia de percurso (PEIRANO, 2016), visando à apreensão dos sentidos de ser ribeirinho sertanejo. Para a compreensão desse relato, entendemos como Peirano (2016) que o percurso não se reduz às observações nos caminhos da pesquisa de campo, devendo transformar o ponto de vista teórico. “[...] é, portanto, o tipo de etnografia que me interessa” (PEIRANO, 2016, p. 238) e a nós também, que, neste caso, é o ser ribeirinho sertanejo no lugar-território sanfranciscano.

Isso posto, este texto, além desta introdução, apresenta mais três partes. Inicialmente abordamos acerca dos “caminhos que nos levam ao rio”, com a intenção de contextualizar o baixo São Francisco como semiárido que abriga ribeirinhos sertanejos. Após isso, trazemos as narrativas dos entrevistados delineadas em “viver e pertencer no baixo rio São Francisco” que vêm possibilitando o adensamento de nossa pesquisa pela apreensão da percepção dos ribeirinhos sobre a convivialidade entre as águas do rio e o

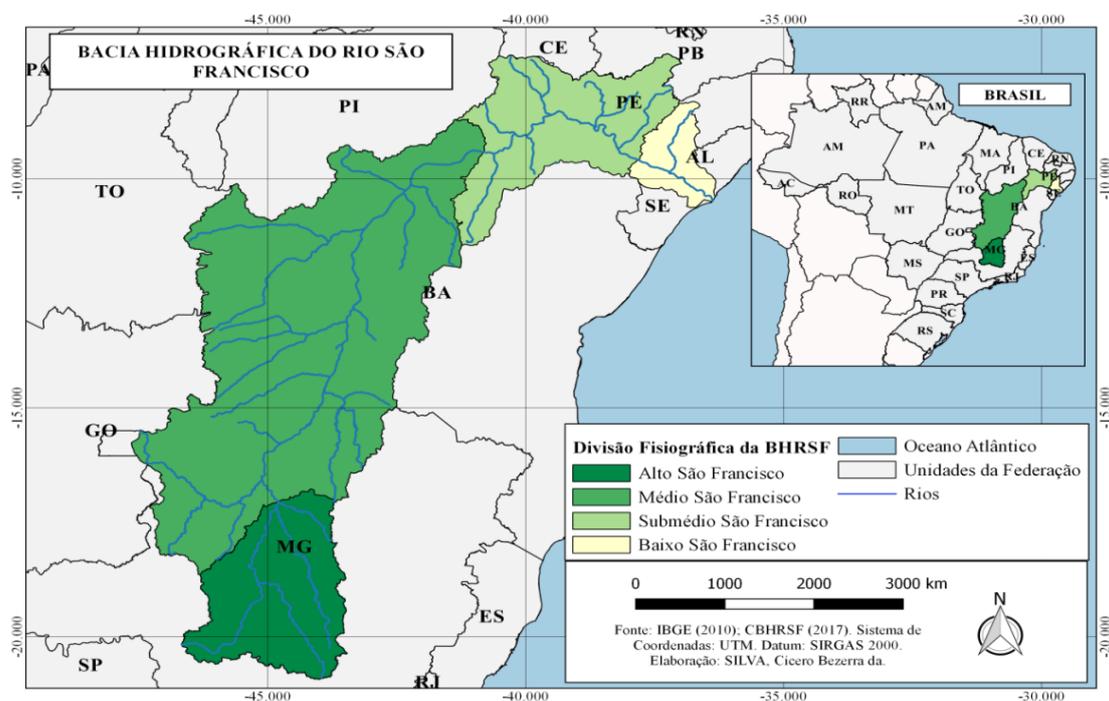
sertão semiárido. Para tal, das quarenta e uma entrevistas¹ realizadas tomamos como referencial desse relato propulsor de nossas reflexões os depoimentos de sete ribeirinhos e ribeirinhas. Na última parte tecemos algumas considerações sobre nossa apreensão na construção do sentido de ser ribeirinho sertanejo.

Os caminhos que nos levam ao rio

A busca pela compreensão das relações de convivalidade, do pertencimento e da identidade do ser ribeirinho sertanejo constitui nosso escopo e ponto de partida. Por este caminho nos aproximamos do rio São Francisco e de suas gentes, da cultura e do enraizamento, das vivências e das territorialidades, delineando desse modo os elementos que têm nos permitido a construção do lugar-território sanfranciscano e dos sentidos que moldam o ser ribeirinho sertanejo.

A bacia hidrográfica do rio São Francisco (Figura 1) abrange 7,5% do território brasileiro, totalizando 2.700 km² de área de drenagem (AGUIAR NETTO et al., 2011). O rio principal possui mais de 2.800 km de extensão e é subdividido em alto, médio, submédio e baixo curso.

Mapa 1: Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco



Fonte: CBHRS (2017).

Org.: Cícero Bezerra Silva (2019).

Nos dizeres de Ivo das Chagas (2014, p. 32), trata-se aqui, portanto, do rio que “possibilitou a ocupação dos grandes sertões brasileiros, o rio que direcionou grande parte da história de um país, o rio que guardou ciosamente os hábitos, os costumes e as tradições dos três povos formadores de nossa nacionalidade”. Com efeito, a diversidade toponímica historicamente atribuída ao rio São Francisco tem nos remetido à pluralidade de culturas das gentes que se adensam em seu curso – ribeirinhos, barranqueiros, ilheiros, beradeiros, vazanteiros, geraizeiros, ribeirinhos sertanejos, indígenas, quilombolas caboclos ... – mas também revela a diversidade paisagística, as relações identitárias, os planos de governo e a riqueza natural do vale que, a propósito, drena 58% da totalidade das terras semiáridas do Brasil, sob o domínio fitogeográfico das caatingas, envolvendo 270 municípios, segundo dados do CBHSF (2019).

O baixo curso, universo empírico de nossas jornadas, denota o reflexo das transformações ocorridas rio acima que, em um contexto historiográfico, constituem importante associação entre o ciclo das águas (regime fluvial) e o processo de ocupação humana. Para Monteiro (2013, p. 103), “o complexo geográfico do baixo rio São Francisco oferece, pelo desdobramento e variedade do quadro natural, diferentes possibilidades de afirmação dos seus habitantes” e Vargas (2003, p. 113), por vez, complementa que “adentrar no Baixo São Francisco é, antes de tudo, apreender a cultura sertaneja e suas relações com a base física de sustentação e seus respectivos níveis tecnológicos”.

São os elementos de base física junto às relações de convivialidade que delineiam nossa busca na compreensão do sentido de ser ribeirinho sertanejo, aportados no entendimento de que as relações territoriais e, portanto, de pertencimento são base a construção das identidades. A esse respeito estamos de acordo com Hall (2004), para quem as identidades estão sempre em processo, em constante construção. Do mesmo modo Cruz (2007, p. 258) considera que “as identidades territoriais são construídas cada vez mais num jogo de escalas entre múltiplos tempos e espaços”.

Viver e pertencer no baixo São Francisco

As observações, o registro fotográfico e as entrevistas foram guiados pela percepção apresentada por Merleau-Ponty (1996, p. 290), segundo o qual esta “constitui um ato, um produto da história e do tempo”, estando além da contemplação da paisagem

e do simples “espetáculo percebido”. Por este delineamento, apresentamos os ribeirinhos, suas falas e, também, as angústias e interpretações do antes e do após no espaço-tempo.

Para isso, contextualizamos nossas observações partindo do seguinte entendimento:

A unidade da bacia [do rio São Francisco] é transportada para o nível operativo de suas funções produtoras: aqui um grande lago, mais adiante uma hidroelétrica, em tais e tais terras, canais de irrigação, cultivos apropriados, regularização do leito, construção de barragens, geração de energia, etc. (VARGAS, 1999, p. 91).

Esses elementos são constitutivos da paisagem sanfranciscana, de modo que se torna impossível pensar o rio São Francisco e as terras de beira rio sem essas interferências que, de modo geral, compreendem o reflexo dos grandes projetos de desenvolvimento regional e, por conseguinte, nacional.

Por este delineamento, ao nos aproximarmos da realidade sanfranciscana, percebemos que as políticas estruturais que têm se apresentado como “modernizadoras” vêm desfigurando o perfil dos lugares e dos sujeitos e “disseminam intervenções banais, incoerentes e desordenadas, que criam condições paisagísticas inaceitáveis, desprovidas de identidade e de memória histórica” (ANDREOTTI, 2006, p. 14).

Pela técnica, o rio São Francisco foi transformado em um território institucional, sem que tenha se desvencilhado do enraizamento e das identidades de suas gentes. O sentido de ser ribeirinho e de ser ribeirinho sertanejo é cotidianamente ressignificado pelos sentidos atribuídos ao rio, entendido com lugar de vida, passível de enraizamento.

Figura 1: Usina Hidroelétrica de Xingó, entre os estados de Alagoas e Sergipe



Fonte: Cicero Bezerra da Silva, fev. 2019.

Em Canindé de São Francisco, margem sergipana, e Piranhas, margem alagoana, o nível técnico operativo do rio é revelado, sobretudo, pela visão panorâmica do lago da Usina Hidroelétrica de Xingó e pela artificialização do canal fluvial. Para Fontes (2011, p. 43), “a construção da Usina Hidroelétrica de Xingó (Figura 1) representa um marco definitivo em relação ao controle do homem sobre o comportamento do seguimento do sistema fluvial a jusante desta barragem”.

Ainda assim, contrastando com nível técnico do rio, com o turismo de lazer, bares e restaurantes, encontram-se naquelas margens sujeitos com referências materiais, simbólicas e identitárias que trazem na memória e no cotidiano um rio de mudanças e permanências. É fato, entre as duas margens do rio as narrativas e expressão corporal jazem as lembranças do rio da infância, da pesca tradicional, das grandes embarcações, das enchentes e das várzeas (Figura 2), onde outrora era cultivado o arroz.

Quando tinha condições, mãe plantava um arroz ali atrás na lagoa; no rio Deus me livre de chegar muito perto para nadar, colocavam muito medo em nós. Mas era verdade! O rio era forte e cheio e perigoso, dava medo mesmo. (Em Bonsucesso, povoado de Poço Redondo, SE, entrevistada de Silva e Vargas, jan. 2019).

Eu conheço as beiras desse rio todinhas, é só proa. Ninguém pesca quase nada, depois desse mato que tá crescendo no rio, ninguém pega peixe. No meu tempo eu alcancei o navio chegando aqui, passando pelo Escurial [povoado localizado na margem sergipana, município de Nossa Senhora de Lourdes]. O navio vinha cheio de médicos. Peixe era só do muito e hoje mudou tudo. (Em Rabelo, comunidade de Traipu, AL, entrevistado de Silva, fev. 2019).

A morada no beirão do rio é uma graça de Deus, mas o tempo não tá bom, ninguém vive mais só da pesca. Eu mesmo botei um bar na beira do rio pra vê se as coisas dão uma melhorada. Plantar aqui só com a água da chuva, mas os invernos acabaram. Quando o rio enchia os caldeirão [lagoa/várzea], era só fartura... camarão só do muito. Hoje ninguém vê mais isso. (Em Barra do Ipanema, povoado de Belo Monte, AL, entrevistado de Silva, fev. 2019).

Arroz, Ave Maria, era muito, demais. Descia pra Pão de Açúcar e depois pra Propriá. A canoa Oriente descia o rio com 600 sacos. E tinha também as de passageiro [canoas], era a Tupã, Tupi e Tupigí, elas faziam [navegavam] de Penedo a Piranhas. Era bom demais. E hoje só tem essas rabetas [pequenas canoas] de motor, e ainda tá difícil de navegar, as pedras e as proas, o rio se acabou. (Em Tambuí, comunidade de Traipu, AL, entrevistado de Silva, fev. 2019).

Por estas narrativas torna-se possível delinear a linha do tempo da vida das gentes sanfranciscanas e as transformações que estas sofreram junto ao rio. As lembranças revelam a angústia dos “tempos de fartura que não voltam mais” (Niterói, povoado de Porto da Folha, SE, entrevistado de Silva, out. 2018), de um modo de vida específico

associado aos ciclos do rio, marcado, sobretudo, pelas enchentes periódicas que traziam fertilidade às várzeas e dinamizavam a economia.

Figura 2: Antiga lagoa de arroz e muro de controle de entrada/saída de água, povoado Bom Sucesso, município de Poço Redondo, SE



Fonte: Cicero Bezerra da Silva, jan. 2019.

O rio São Francisco percebido pelas relações de pertencimento se revela como um lugar de lugares diversos, de dimensões pouco estabelecidas entre as terras e as águas. Um lugar que se faz território pela convivialidade, portanto, um lugar-território. Mas, também, um lugar cujas identidades se revelam pelas relações simbólicas, tofólicas, sociais e políticas. Um ambiente complexo, de difícil compreensão, por envolver atores sociais – representantes institucionais – e sujeitos diversos como, por exemplo, os ribeirinhos, em suas mais variadas tipologias identitárias. Um rio que comporta os interesses do Estado e das gentes que historicamente lá se estabeleceram.

Sempre morei na beira do rio. Nunca tive vontade de ir embora. O que é uma pessoa sem água? Aqui é uma riqueza. Se o homem tiver coragem [de trabalhar], aqui tem de tudo. Não tem lugar melhor. (Em Tambuí, comunidade de Traipu, AL, entrevistado de Silva, fev. 2019).

Eu posso dizer que o rio é o meu lugar. Eu nasci aqui, conheço tudo isso aqui. Só quem vive na beira do rio sabe o que é. Mas sabe também da barragem, do sal que tá chegando, mata não tem mais. Acabaram com a caatinga. (Em Gararu, SE, entrevistado de Silva, fev. 2019).

Quando era mais novo, deu vontade de ir embora. Mas hoje, não! Viver na beira do rio é o melhor lugar, mesmo com tanta mudança [referiu-se à vazão do rio e ausência de peixes], é o melhor lugar. (Em Tambuí, comunidade de Traipu, AL, entrevistado de Silva, fev. 2019).

Deparamo-nos ainda com a perspectiva da migração potencial, aquela que está para ocorrer ou pode ocorrer, dos filhos de ribeirinhos, pescadores, agricultores, barqueiros etc. que tendem à migra, dada a dificuldade de sobrevivência expressa pelas relações de convivialidade. Não raro encontram-se povoados com a maioria das casas fechadas, findando uma paisagem desértica (Figura 3), originando povoados de veraneio, a citar os casos de Cajueiro e Curralinho, no município de Poço Redondo.

Todas as casas da “rua” da frente – a gente diz para a frente do rio, para a praia – estão assim fechadas porque os donos não moram aqui. Visitam nos finais de semana, férias e festas. O povo daqui foi vendendo as casas, indo embora. (Em Curralinho, povoado de Poço Redondo, SE, entrevistado de Silva e Vargas, jan. 2019).

O povo daqui foi todo embora pro Poço [Poço Redondo]. Vendeu a casa ou alugou ou é pousada. É assim! Aí a gente olha e vê tudo fechado, mas eu não tenho vontade de sair. (Em Curralinho, povoado de Poço Redondo, SE, entrevistado de Silva e Vargas, jan. 2019).

Figura 3: Casas fechadas na orla fluvial de Curralinho, povoado de Poço Redondo, SE



Fonte: Cícero Bezerra da Silva, jan. 2019.

Ainda assim, os vínculos territoriais e de pertencimento ao lugar podem ser percebidos e interpretados de modo que, ressignificados, são passíveis de compreensão. O modo de vida do ribeirinho sertanejo muda, tal como tem mudado também o rio. Acompanhar as mudanças não implica perder os vínculos afetivos e de pertencimento. Diz a moradora de Aracaju, SE, “sinto saudade da beira do rio, da infância. Todos os fins de semana e nas festas eu e meu esposo voltamos aqui” (em Bom Sucesso, povoado de Poço Redondo, SE, entrevistada de Silva e Vargas, jan. 2019).

Considerações finais

Diante do exposto, chegamos ao entendimento apresentado por Cruz (2007, p. 272), ao evidenciar que, para a compreensão das identidades territoriais das populações ribeirinhas, “precisamos conhecer as suas experiências culturais, seus modos de vida, suas territorialidades, seus saberes e fazeres vividos cotidianamente”. Para isso, as percepções devem – assim como o fizemos – ocupar espaço de destaque na leitura e interpretação dos significados expressos pelo vivido.

Em nossas jornadas de campo buscamos delinear os olhares para um rio que é lugar e território. Os vínculos de pertencimento e os significados atribuídos ao rio São Francisco constituem um lugar vivido, um mundo de significados, um território de identidade e enraizamento. Mas o território também é revelado pelo modelo de apropriação do Estado, pela artificialização do ambiente sanfranciscano e pelas novas relações de uso daquele ambiente, a exemplo do turismo de lazer e da diversidade de empreendimentos comerciais que se adensam nas margens.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado a qual este trabalho está vinculado e a Universidade Federal de Sergipe pela disponibilização de transportes na realização dos trabalhos de campo.

Notas

¹ A realização das entrevistas, observações e registros fotográficos foram concedidas mediante a autorização para uso e publicação em fins acadêmico-científicos. O termo de autorização e os objetivos da pesquisa foram lidos e explicados aos entrevistados e, em comum acordo, por eles assinados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira et al. Água e ambiente no Baixo São Francisco Sergipano. In: LUCAS, Ariovaldo Antonio Tadeu; AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira (Org.). **Águas do São Francisco**. São Cristóvão, SE: Ed. UFS, 2011.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Etnogeografia do Brasil sertanejo. In: SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: Ed. UFBA, 2008. [On-line].

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia cultural**: um modo de ver. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

ANDREOTTI, Giuliana. Anti-paesaggio. In: CAMPIONE, C.; FARINELLI, F.; SANTORO, C. (Org.). **Scritti per Alberto Di Blasi**. Bologna: Pàtron, 2006.

CHAGAS, Ivo das. **Eu sou o Rio São Francisco**. Montes Claros: Unimontes, 2014.

CBHSF – Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. A Bacia: principais características. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br>>. Acesso em: jan. 2019.

FONTES, Luiz Carlos da Silveira. O rio São Francisco após as grandes barragens. In: LUCAS, Ariovaldo Antonio Tadeu; AGUIAR NETTO, Antenor de Oliveira (Org.). **Águas do São Francisco**. São Cristóvão, SE: UFS, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Depoimentos reflexivos**: sobre a produção de um geógrafo da segunda metade do século XX. Arapiraca, AL: Ed. Uneval, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia e rituais: relato de um percurso. **Anuário Antropológico** [on line], v. 1, 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/aa/2011> DOI 10.400/aa.2011>. Acesso em: 29 out. 2019.

PIERSON, Donald. **O homem no Vale do São Francisco**. Rio de Janeiro: Suvale, 1972. Tomo I.

SOUZA, Ângela Fagna Gomes de. O tempo das águas: ciclo de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas, Pirapora, MG. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Ed. UEL, 2013.
VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Desenvolvimento regional em questão**: o Baixo São Francisco revisitado. São Cristóvão, SE: UFS, 1999.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Sustentabilidade cultural e as estratégias de desenvolvimento do Baixo São Francisco. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTS, Alecsandro J. P. (Org.). **Geografia**: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

Recebido em 25/05/2019. Aceito para publicação em 01/12/2019.
--